

Ensinar (História da) Antropologia no Brasil: um ensaio bibliográfico latino-americano

Recebido: 02-04-2019

Aprovado: 15-04-2019

Andrea Ciacchi¹

A introdução no Brasil, relativamente recente, de cursos de bacharelado em Antropologia², frequentemente inspirados no sentimento da necessidade de um aprofundamento qualitativo e quantitativo de temas, autores e obras *especificamente* antropológicos, vem oferecendo desafios variados, como qualquer um de nós que esteja envolvido em algum desses cursos sabe muito bem. Alguns deles me parecem vinculados a formas mais ou menos disfarçadas de “arrependimento”: será que com a renúncia aos aportes da sociologia e da ciência política jogamos fora, além da água sociológica do banho, também o bebê interdisciplinar? Entretanto, as demandas mais consistentes e sérias que a nossa prática de ensino dirige à nossa própria experiência me parecem de outra natureza – e é isso que quero abordar aqui. Mais especificamente ainda, quero refletir e convidar à reflexão sobre dois temas que considero vinculados entre si: o alcance – ao mesmo tempo cronológico e epistemológico – daquilo que temos que considerar propriamente *antropologia* (para que possa ser incluído ou excluído dos conteúdos programáticos e bibliografias das disciplinas), por um lado; e, por outro, um critério que chamarei “regional”, também nas nossas escolhas temáticas, teóricas e bibliográficas dos materiais de trabalho. Numa palavra, interessa-me, aqui, discutir a “localização” da experiência antropológica que consideramos relevante na construção de narrativas historiográficas e mesmo no estudo dos estudos sobre as alteridades.

¹ Doutor em Estudos Ibéricos pela Universidade de Bolonha, mestre em Literatura pela UFPB e bacharel em Antropologia pela Universidade de Roma, “La Sapienza”. Professor de Antropologia na Universidade Federal da Integração Latino-Americana (UNILA, Foz do Iguaçu, PR) e docente no Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Estudos Latino-Americanos (PPG-IELA) da mesma universidade. Email: andrea.ciacchi@unila.edu.br

² Um panorama amplo, ainda que datado, dos debates que precederam a criação dos cursos de graduação em Antropologia no Brasil está em Grossi *et alii* (2006). Para um balanço mais recente, cf. Oliveira (2017).

Claro está que as minhas preocupações, fontes destas reflexões, deflagraram ao longo do cotidiano didático num lugar geopolítico específico e peculiar como a Universidade Federal da Integração Latino-Americana, onde, junto com colegas docentes de vários lugares do mundo (com ampla maioria de latino-americanos), temos estudantes provindos de todos os países de fala ibérica das Américas, mais alguns do Haiti, e onde desde 2011 funciona um curso de bacharelado denominado “Antropologia – Diversidade Cultural Latino-Americana”³.

Propedêutico a tudo isso, um trecho já com um quarto de século de idade, de Claudia Briones, que tem inspirado o lado possivelmente mais polêmico das minhas reflexões:

Cada vez que revisamos la historia de la Antropologia para actualizar nuestro "estado de cuentas", los antropólogos también invocamos "tradiciones" e incurrimos en omisiones de manera selectiva. Cada vez que queremos ejercitar una mirada historizada y critica, nosotros también—sabiéndolo o no—tenemos los fantasmas de las generaciones pasadas rondando sobre nuestzras cabezas. A veces, algunos de esos fantasmas nos recuerdan, como en una pesadilla, clasicas nociones de “cultura” que preferiríamos olvidar. Otras veces, los miramos con otros ojos y descubrimos que aun podemos aprender mucho de ellos y que nadie puede arrogarse el privilegio de decir, de una vez y para siempre, quiénes son los "buenos" y los "malos" de la película. En mi propia experiencia, "mis" buenos y malos fantasmas a veces intercambian roles, segun qué historia quiero contar, cuando, dónde y para qué o quién lo hago. En este sentido, recontar historias es una forma de detenernos a pensar dónde estamos "ahora" parados y a dónde queremos ir (Briones, 1994, p. 117).

A colega argentina nos convida a entrar, sem medo, no meio de um campo que me é caro, o da história da Antropologia, que aqui desejo articular tanto aos temas propriamente pedagógicos quanto a considerações interdisciplinares. De fato, parece-me que exista um “problema”, na história da Antropologia, um problema que, engendrado justamente no campo historiográfico, se estende também ao âmbito do ensino da disciplina, no Brasil (portanto, também, no resto da América Latina).

A *história* da Antropologia é uma *narrativa*, que pode ser construída com vários métodos. Se fosse um romance, a teoria literária daria conta de muitos deles. Mas, a princípio, a história da Antropologia não é ficcional. A narrativa pode, é claro, ser enviesada, conter omissões, ênfases, fazer aparecer e desaparecer personagens, armar tramas, mas não é, propriamente uma ficção, um romance. Fazer história da Antropologia (ou seja, fazer pesquisa e pensar e escrever textos narrativos, nesse sentido) implica em lidar com instâncias tais como:

³ Veja mais detalhes sobre esse curso, incluindo o seu Projeto Político-Pedagógico atual (janeiro 2019) em <https://www.unila.edu.br/cursos/antropologia>. Sobre a criação da UNILA e alguns dos seus dilemas, cf. Corazza (2010) e Ricobom (2017).

fatos; teorias e métodos; pessoas; lugares; grupos étnicos e/ou sociais. Desses cinco itens, dois não costumam ser associados imediatamente à América Latina – o que não significa dizer que são esquecidos ou que estão ausentes das histórias (canônicas, não-latino-americanas) da Antropologia. Com algumas correções de rota recentes (que considero ligadas ao sucesso internacional de propostas como as do perspectivismo e das *antropologías del mundo*, sobretudo, e dos seus respectivos autores, fautores e praticantes, sem falar nos efeitos geopolíticos e epistemológicos das diásporas dos inspiradores dos *giros decoloniales*), localizar *autores, teorias e métodos* latino-americanos em trabalhos de história da Antropologia (mesmo na América Latina) é tarefa árdua.

Trago, mais como amostras do que como resultado de um levantamento exaustivo, os casos (recentes) da segunda edição da *History of Anthropology* de Thomas Eriksen e Finn Sievert Nielsen (2013), que dedica uma citação a apenas dois autores latino-americanos: Roberto daMatta e Eduardo Viveiros de Castro. Por outro lado, nada achamos na obra organizada por Henrika Kuklick, *A New History of Anthropology* (2008), que apresenta capítulos sobre as antropologias praticadas nos países da Europa do Norte, na Rússia, na Holanda e na China – além das tradicionalmente “centrais” –, ou na *Brève Histoire de l’Anthropologie*, de Florence Webber (2015), ou, finalmente, a *Storia dell’Antropologia* de Ugo Fabietti, que mesmo na sua III edição (2011) apresenta uma única antropologia “periférica”: a italiana.

É possível que um antropólogo extraterrestre (ou mesmo um extra-latino-americano) que caísse num “lugar antropológico” latino-americano (congresso, departamento, sala de aula...), seria surpreendido com o fato de que também existem, aqui, teorias, métodos e autores. E que existem há muito tempo. E se esse antropólogo alieno não for embora logo, mas permanecesse aqui, por um tempo longo, virando, por exemplo, professor de Antropologia, descobriria que existe, sim, um pensamento antropológico na América Latina. E que esse pensamento não é necessariamente pós-colonial ou des-colonial, já que existe há um bom e longo tempo. É sobre esse “tempo” que considero que tenhamos que dirigir a nossa atenção, assumindo o risco, como dizia Claudia Briones, de encontrar fantasmas. Mas, também, o compromisso de não enxergar apenas os “maus da fita”.

Assim sendo, para ensinar e lidar com História da Antropologia na América Latina, algumas perguntas são prioritariamente necessárias. Desde quando? Em que condições veio se formulando? Em que contextos institucionais? Em que contextos políticos? Quem começou a

formulá-lo? Com qual “acompanhamento” metodológico? Com que etnografias, em quais “gabinetes etnográficos”⁴? Considero que isso nos obrigaria a observar dois eixos cronológicos: um mais longo, da conquista até as independências na primeira metade do século XIX; outro, mais curto, das independências até a institucionalização das antropologias nacionais: segunda metade do século XIX e primeiras três, quatro ou cinco décadas do XX, dependendo dos países considerados. Em ambos os eixos, portanto e como veremos melhor, o que eu chamo aqui, sem mais constrangimentos, “pensamento antropológico latino-americano” transborda, antecede e excede a antropologia oficial, acadêmica e canônica.

Antes de me dedicar a esse aspecto, ao mesmo tempo cronológico e epistemológico da questão, creio ser útil mencionar um recente aporte de Eduardo Viveiros de Castro que lembra como “as diferenças e as mutações internas à teoria antropológica se explicariam principalmente (e, do ponto de vista histórico-crítico, exclusivamente) pelas estruturas e conjunturas de poder, dos debates ideológicos, dos campos intelectuais e dos contextos acadêmicos de onde provêm os antropólogos” (Viveiros de Castro, 2010, p. 14). Portanto, e além disso, “as sociedades e as culturas que são objeto da pesquisa antropológica influenciam, ou, para dizer de modo mais claro, coproduzem as teorias sobre a sociedade e a cultura formuladas a partir dessas pesquisas” (Ib., p. 16). São essas, então, as duas dimensões determinantes do pensamento antropológico – na sua historicidade. O equilíbrio entre elas pode variar, a porcentagem também (e isso, talvez pouco importe, e, em certa medida, seja apenas um problema historiográfico). Mas ao se desejar fazer uma história antropológica da Antropologia, isso se torna bem mais relevante, para não dizer imprescindível. A primeira conclusão disso é que não é só o pensamento antropológico contemporâneo, na América Latina, que interessa conhecer, compreender e utilizar, mas também o mais antigo, pois “antes da Antropologia” também havia “estruturas e conjunturas de poder”, “debates ideológicos”, “campos intelectuais”, que lidavam com contextos étnicos e sociais determinados e *determinantes*. No meu percurso de conhecimento do pensamento antropológico (e das práticas etnográficas) na América Latina do século XIX (um percurso recém iniciado⁵),

⁴ Sobre esses últimos pontos, recomendo a leitura de Pavez Ojeda (2015), que aborda especificamente o caso chileno.

⁵ Venho desenvolvendo um projeto de pesquisa, na UNILA, voltado a essas questões. “Pensamento antropológico na América Latina: trajetórias e instituições”, que busca levantar fontes e recursos bibliográficos que sirvam de base ao desenvolvimento de um mapa das instituições (museus, faculdades, Institutos históricos e geográficos, círculos intelectuais etc.) e das personagens que, a partir dos processos de independência de alguns países da América Latina (primeira metade do século XIX), perfazem a preparação, o surgimento e a consolidação do campo de estudos da

percebo que há muita coisa que vale a pena ser contada. Mesmo que nessas narrativas apareça algum fantasma ou alguma casa mal-assombrada.

Nessa perspectiva, também me socorre um “ex-antropólogo”⁶ brasileiro, Antonio Candido. Como sabemos, na construção da sua *Formação da Literatura Brasileira* (1959), o mestre convida a considerar, enquanto “dialética do local e do cosmopolita”, condições e condicionantes “externos” naquela formação. Assim, é nessa categoria que me sinto autorizado a inserir, os “pais fundadores” de algumas antropologias nacionais latino-americanas (ou como “reis estrangeiros”, para também parafrasear Sahlins, 2001). Como sabemos, encontramos franceses na Colômbia⁷, alemães e poloneses no Chile⁸, italianos na Argentina⁹, norte-americanos no México¹⁰, e alemães no Brasil¹¹, entre outros, além de frequentes inserções de intelectuais

Antropologia social e cultural na Região. Nesta Fase 1, os países abordados são a Argentina, a Colômbia e o Chile e o período considerado 1810-1915. Mas creio que seja honesto confessar que o estímulo maior para a construção de percursos bibliográficos latino-americanos capazes de cumprir os objetivos que declaro neste artigo têm vindo das e dos estudantes aos quais me dirijo desde que estou na UNILA: procedentes da Argentina, do Paraguai, do Uruguai, da Colômbia, do Equador, do Chile, da Venezuela etc. etc. – aos quais dedico, com muita gratidão, este trabalho, inspirado nas nossas *charlas*.

⁶ É bem conhecido o episódio da defesa da tese de doutorado (em “sociologia”) de Antonio Candido, *Os parceiros do Rio Bonito: estudo sobre a crise nos meios de subsistência do caipira paulista*, em 1954, quando o orientador dele, e membro da banca, o prof. Roger Bastide, foi o único a não atribuir nota dez à tese, “alegando que era mais antropológica do que sociológica”. Cf. Pontes (2001, p. 14). Em seguida, como também é bem sabido, a trajetória de Antonio Candido atravessou por inteiro o campo dos estudos literários, sem jamais perder, porém, esse viés antropológico que, de fato, se sobressaía nos *Parceiros*.

⁷ Os trabalhos principais sobre as origens e os primeiros passos da antropologia institucionalizada na Colômbia são Jimeno Santoyo (1991), Jimeno (2007), Giraldo (2005), Langebaek (2005), Páramo Bonilla (2010), Botero (2010), Pineda Giraldo (1999), Lissett Pérez (2010), García Botero (2008 e 2010), Echeverri Muñoz (1999), Restrepo (2014), e, sobretudo, Langebaek e Botero (2009) e Restrepo *et alii* (2017). Vale verificar que o campo antropológico colombiano é talvez o mais atento à sua própria reconstrução historiográfica entre todos os latino-americanos.

⁸ Trabalhos historiográficos sobre as origens e o desenvolvimento da Antropologia no Chile são Berdichewsky (2008), Carrasco e Alvarado (2010), Feliu Cruz (1969), Bengoa (2014), Marquez e Skewes (2018), Dannemann (1990), Arnold (1990), Castro Lulic (2014), Skewes Vodanovic (2004), além do já mencionado Pavez Ojeda (2015).

⁹ Entre as leituras que introduzem à história da antropologia na Argentina, frequentemente particularizadas em narrativas locais ou “provinciais”, destaco Constanzo (1943), Stagnaro (2013), Bermudez *et alii* (2010), Garbulsky (2003), Guber e Visakosky (1998), Guber (2006), Caggiano (2013), Name (2009 e 2012). Considero, porém, que as contribuições mais significativas têm vindo dos trabalhos da figura central da historiografia intelectual argentina, Irina Podgorny que, embora mais dedicada aos estudos sobre os primórdios institucionais das ciências biológicas e naturais no país vizinho, vem desenvolvendo pesquisas que ajudam sobremaneira nas reconstruções historiográficas a que estou me referindo. A sua produção é imensa e julgo mais conveniente remeter à página que a colega da Universidad de la Plata mantém num repositório internacional: <https://arqueologialaplata.academia.edu/IrinaPodgorny>, que permite o acesso gratuito e integral a mais de duzentos trabalhos seus.

¹⁰ A bibliografia sobre os antecedentes da institucionalização da antropologia mexicana (que incluíam as relações com as primeiras pesquisas arqueológicas, como aliás também aconteceu nos casos andinos e mesoamericanos, que não será possível abordar detalhadamente neste trabalho) ainda precisa ser levantada exaustivamente, mas é possível consultar, preliminarmente, Ruiz Martínez (2010), de La Peña (1996), Rutsch (2007), além, é claro, da obra

latino-americanos em redes intelectuais europeias (os casos de Nina Rodrigues e Fernando Ortiz são apenas os mais conhecidos). Mas, justamente em articulação e aparente contraponto, esses estrangeiros (e/ou estrangeirados), antropólogos ou não que fossem, lidaram com, se debruçaram e refletiram sobre questões *nacionais*. Assim, ao longo das histórias nacionais (políticas, sociais, artísticas, intelectuais), andaram se formando núcleos de *problemas* políticos, raciais, sociais, econômicos, militares, geográficos; ofereceram-se respostas ideológicas e narrativas específicas; enfrentaram-se “necessidades” “científicas”; desenharam-se ou se descreveram paisagens locais e nacionais; produziram-se fricções interétnicas também específicas; apareceram configurações e arranjos étnico-sociais diferentes. Numa palavra, montaram-se justamente os cenários e os bastidores da diversidade cultural e social latino-americana, a qual, evidentemente, não é uma invenção contemporânea ou posterior à institucionalização da antropologia, muito menos uma invenção dos antropólogos. Transferindo isso para a perspectiva e os conteúdos de um ensino latino-americano de antropologia, lidamos, portanto, com um paradoxo: essa “proto-antropologia colonial” (os olhares mais ou menos distanciados para as alteridades latino-americanas, por sua vez engendradas pelo colonialismo interno, nas suas variadas versões nacionais) não era só devedora das teorias europeias ou norte-atlânticas. Ou seja, ao “coproduzirem” suas teorias (por vezes aclimatando-as ou forçando-as a se amestixarem), os franceses na Colômbia, os alemães e os poloneses no Chile, os italianos na Argentina, os norte-americanos no México, e os alemães no Brasil, entre outros, criaram ou ajudaram a criar tradições colombianas, chilenas, argentinas, mexicanas e brasileiras, entre outras. Tradições que *pertencem às histórias nacionais* das antropologias latino-americanas, tanto quanto as práticas contemporâneas, inclusive as pós-coloniais. Tradições que, literalmente, *trazem* até a contemporaneidade sentidos, lógicas e mecanismos que revelam mecanismos, lógicas e sentidos da Antropologia contemporânea e, por isso, não podem ser descartadas ou ignoradas. Assim, parafraseando também Roberto Cardoso de Oliveira, a pergunta que me move (na pesquisa e na sala de aula, na minha permanência na UNILA e não em outra universidade brasileira – e neste pequeno ensaio) é: *o que era aquilo que*

monumental organizada por Carlos García Mora em 1988, os quinze volumes de *La Antropología en México*, sobre a qual cf. Bueno Castellanos (2008).

¹¹ Não é possível fazer referência aqui a toda a produção de cunho historiográfico sobre a antropologia e a proto-antropologia brasileira, não porque ela seja imensa, mas porque se trata de uma bibliografia que se desdobra em múltiplas direções. Gostaria apenas de destacar a obra de Mariza Correia (1987, 2001 e 2013) e os trabalhos onde a presença estrangeira na formação brasileira da disciplina é mais diretamente tematizada Françoze (2004 e 2005), Passador (2002), Pontes (1998), Schwarcz (1993), Peixoto (2001) e Oliveira (2013).

não *se chama(va) antropologia latino-americana?* Que não se chamava, pois o uso do termo foi desigual, oscilante, orientado por limitações e inclusões que, também, seria válido investigar ou incluir nas nossas investigações historiográficas. Mas que, por vezes, ainda *não se chama*, nos dias de hoje, pois nela se enxergam atores sem uma chancela etno-antropológica clara ou oficial. Como se uma determinada prática intelectual, pelo fato de ter sido denominada, à época, por exemplo, de “historiográfica”, ou “geográfica”, ou “jurídica”, ou “biológica”, ou por ter sido protagonizada por historiadores, geógrafos, juristas ou biólogos (mais uma vez as listas são incompletas para não tornar mais pesado o texto), impedisse de reconhecê-la como, também, etno-antropológica.

Trata-se de uma pergunta que, muito longe de ser retórica, busca revelar o interesse para tudo aquilo que, na América Latina, nos vários campos intelectuais (alguns dos quais ainda em formação ou mesmo não formados nem denominados), lidava com as alteridades resultantes dos vários processos históricos, sobretudo os que o século XIX legou ao XX. Numa palavra, creio que o que é necessário considerar história da Antropologia não é uma história das obras e do pensamento dos antropólogos, mas, sim, uma história (ou seja, uma apresentação contextualizada e crítica) das questões, das relações e dos dilemas sociais que *poderiam* interessar aos antropólogos, inclusive quando e onde não havia (ainda) antropólogos)¹². Uma história social da antropologia será sempre uma história social, *tout court*.

Assim, uma primeira resposta parece-me ser uma que consiga voltar o olhar discente para aquela multidão de dimensões que caracterizaram o processo colonial: pois a política, a ciência, a religião, a gestão (multifacetada) do território, as raças, a cultura, a natureza, a arte – encerro aqui um elenco potencialmente imenso – ao longo dos primeiros quatro séculos de América *latina*, depararam-se com e/ou levantaram questões (políticas, científicas, religiosas, territoriais, raciais etc. etc...) que lidavam com as alteridades encontradas e construídas nos arranjos coloniais. Assim, considero que essa que chamei muito impropriamente “proto-antropologia colonial” se fez protagonista de (inter)penetrações que hoje podemos com proveito repertoriar, incluir e relacionar: com a teologia, o direito, a medicina, a geografia, a antropologia

¹² Mais uma vez, não consigo resistir à tentação de trazer Antonio Candido para essa discussão. Parece-me perfeitamente viável parafrasear e aplicar ao nosso caso a sua celebrada afirmação (a *Formação da Literatura Brasileira* como uma “história dos brasileiros no seu desejo de ter uma literatura” – 1959, p. 51), e pensar nessa história da antropologia latino-americana como uma “história dos (intelectuais) latino-americanos no seu desejo de ter uma antropologia”.

física, a sociologia, a filosofia, a biologia e as outras ciências naturais, a história, a arqueologia. Parece-me merecedor de atenção o fato de que o reconhecimento desses processos de hibridização e contaminação epistemológicas (que incluem formas específicas e historicamente determinadas de construção dos saberes e de institucionalização dos campos intelectuais) são – hoje – amplamente reconhecidos e admitidos, quando se tenta decifrar ou definir a *interdisciplinaridade contemporânea*, mas, infelizmente, não dão suporte suficiente, em termos de história das ideias, inclusive, quando se busca construir as narrativas mais remotas e menos confortantes da história da Antropologia.

Assim, uma segunda conclusão é que ensinar Antropologia, hoje (ou seja, propor-lhe uma narrativa histórica), também transborda e excede a “Antropologia” (oficial, acadêmica e canônica), ainda que plenamente latino-americana. E isso aparece com mais força ainda (embora aqui também com algum tom de paradoxo) na narração da história da Antropologia do século XIX, justamente na imediata véspera da institucionalização e profissionalização da própria *Antropologia*. Nesse longo Oitocentos, de fato, o surgimento das “novas” nações e soberanias fez também surgir e ressurgir, respectivamente, novos e velhos problemas. O passado (colonial, indígena, africano) e como lidar com ele; as mestiçagens que ele consignou à contemporaneidade; a ordenação e ocupação dos territórios nacionais; as várias fases e faces das construções das nações: políticas, simbólicas, ideológicas, científicas, literárias e artísticas. O que nos leva, novamente, de volta ao ponto inicial: não só de Antropologia se alimentaram as demandas e preocupações antropológicas da América Latina do século XIX. Como veremos, aliás, isso também leva à necessidade de se convocarem (nas bibliografias reais das nossas disciplinas) atores intelectuais talvez menos previsíveis – que, frequentemente, não pertencem aos repositórios com que muitos de nós antropólogos nos formamos. Assim, essas preocupações tão voltadas aos desafios do ensino da Antropologia parecem agora se deslocarem para uma necessidade de novas camadas nas *pesquisas* de história da Antropologia. Em outras palavras, ensinar (história da) Antropologia não é só tarefa de sala de aula, mas, também, quiçá sobretudo, compromisso de pesquisa historiográfica, ou seja, de uma pesquisa que aceite uma posição de suporte ao ensino. E, retomando mais uma vez as sugestões de Claudia Briones, escarafunchar o passado significa também assumir o risco (ou o gosto) de devolver carne aos esqueletos guardados nos armários intelectuais. Convocando, então, atores estrangeiros, racistas, médicos e juristas, amadores e diletantes.

Por outro lado, porém, nos territórios limítrofes à Antropologia também se encontram instâncias reveladoras de outros caminhos possíveis na narrativa dessa história dessa Antropologia. Para introduzi-las, devo muito ligeiramente me reportar ao termo “interdisciplinaridade”, não só para lembrar que ele só começou a circular a partir do final dos anos Oitenta (do século XX) para se popularizar, inclusive na América Latina, mais de dez anos mais tarde, mas, sobretudo, para postular que existe uma interdisciplinaridade *avant la lettre*, no pensamento latino-americano do começo do século XX. Ou seja, como veremos logo, justamente num quadrante da história intelectual latino-americana que assumiu a tarefa de espantar alguns daqueles fantasmas (por exemplo os racistas, os amadores e diletantes). Na historiografia, nas ciências sociais, na geografia, na filosofia e nos estudos estéticos e literários produzidos na América Latina do século XX (sobretudo na sua primeira metade), encontram-se, sim, práticas interdisciplinares inovadoras, desde que abordemos os objetos de estudo e as agendas temáticas de muitos autores, independentemente da sua definição (ou auto-definição) disciplinar.

Para não protelar excessivamente a discussão que essas práticas me parecem propiciar, adianto uma lista de nomes que permitem ilustrar a minha posição. Em estreita ordem cronológica, menciono Fernando Ortiz (1881-1969), Mário de Andrade (1893-1945), José Carlos Mariátegui (1894-1930), Miguel Ángel Asturias (1899-1974), Sergio Buarque de Hollanda (1902-1987), José María Arguedas (1911-1969), Octavio Paz (1914-1988), Antonio Candido (1918-2017) e Ángel Rama (1926-1983). Como se vê, trata-se de nomes inteiramente pertencentes aos seus respectivos cânones nacionais e disciplinares, mas pouco conhecidos no Brasil (é o caso do cubano, dos peruanos, do guatemalteco, sobretudo, embora bem menos nos casos do mexicano e do uruguaio), e quase completamente ausentes das bibliografias dos cursos de Antropologia do Brasil – se não nas penumbras quase clandestinas de uma ou outra disciplina optativa. No seu conjunto (pois não cabe aqui abordar exaustivamente a contribuição que cada um deles oferece ou poderia oferecer à compreensão, *tout court*, da história da Antropologia na América Latina), trata-se de um rol de atores intelectuais que cumpriram funções relevantíssimas nos seus respectivos contextos nacionais e cronológicos.

Nos seus trabalhos, pertencentes a vários gêneros textuais, que compreendem, muito significativamente do meu ponto de vista, tanto o *ensaio* quanto a narrativa de ficção, “ampliaram a foto de família”, explorando (isto é, também representando, descrevendo, narrando, reconfigurando ou desconfigurando) âmbitos sociais, étnicos, culturais, linguísticos e estéticos

desconhecidos, ou estigmatizados ou removidos. Ajudaram a transformar comunidades imaginadas (Peru, Brasil, Cuba, México: América Latina) em sociedades reais. Dessa forma, as sociedades e os países concebidos como ocidentais, *criollos* ou luso-brasileiros, foram dando lugar a outros, mais contraditórios e plurais. Numa palavra, as suas obras (ou boa parte delas) fizeram o serviço que, em outras circunstâncias e contextos fez, faria ou teria que fazer a Antropologia. Alguns desses autores, aliás, acabaram militando, mais ou menos oficialmente, ou foram considerados, mais cedo ou mais tarde, “antropólogos”. É o caso de Ortiz, em Cuba, e, com menos notoriedade, de Arguedas no Peru, e, de certa forma, como já foi lembrado, de Antonio Candido na USP. Assim, insistindo na metáfora, creio que incluí-los nas narrativas da história da Antropologia também permite ampliar uma outra foto de família, a dos próprios “antropólogos”.

É válido apresentar alguns exemplos que me parecem extremamente significativos. O primeiro refere-se à rica produção etnomusicológica de Mário de Andrade (quase toda publicada postumamente¹³), que apesar de guardar uma estreita relação com os primórdios da antropologia uspiana (incluindo as várias instâncias de sociabilidade extra-universitária, como a Sociedade de Etnografia e Folclore e a Direção de Cultura da cidade de São Paulo) e da sua inegável qualidade, é praticamente desconhecida no campo antropológico brasileiro contemporâneo (cf. Valentini, 2010, Rubino, 1995, Pontes, 1998), ao conhecimento do qual poderia agregar a contribuição original e irreverente de um etnógrafo surpreendentemente moderno. Na grande maioria dos textos de Mário dedicados à música popular (mas, também, a outros aspectos da cultura brasileira, inclusive erudita), flagra-se um “tom” e um estilo que, hoje, consideramos pertencentes às modalidades contemporâneas do fazer etnográfico que lidam com as relações entre sujeitos em campo, entre “observador e observado”, etc¹⁴. Mas não é só isso que se colhe nas centenas e centenas de registros, comentários e análises que o nosso poeta consigna aos leitores contemporâneos, pois a contribuição metodológica e historiográfica de Mário de Andrade se mantém intacta e original, inclusive penetrando numa outra temática antropológica que ele foi

¹³ Cf., ao menos, Andrade, 1976, 1982, 1983, 1984, 1987 e 1991.

¹⁴ Pinço uma amostra exemplificativa, retirada do conhecido ensaio de Mário sobre o Samba Rural Paulista: “O mais humorístico do caso é que o grupo de samba que estudei em Pirapora, tinha ido de São Paulo. É verdade que a minha viagem não se destinara especialmente a isso, mas não tem dúvida que parei uma noite em Pirapora, fatigadíssimo e poento, pra colher coisas paulistanas que se realizam às minhas próprias barbas desatentas” (Andrade, 1991, p. 114). Um exemplo mais completo se encontra em todo o seu livro *O Turista Aprendiz* (1976), póstumo, mas contendo crônicas publicadas no final dos anos vinte.

pioneiro em abordar, a do patrimônio, material e imaterial¹⁵, na qual também se destaca o papel que ele desempenhou ao promover a conhecida Missão de Pesquisas Folclóricas de 1938 (Carlini, 1995; Sandroni, 1999 e 2014;), que ocupa um lugar importantíssimo na história da Antropologia latino-americana que estou defendendo.

O segundo exemplo obriga a informar que os sete volumes da *Obra Antropológica* do narrador, *bachiller en antropologia* pela Universidad Mayor de San Marcos (1957) e diretor do “Instituto de Estudios Etnológicos” de Lima, José María Arguedas, publicados em 2013, não são localizáveis em nenhuma biblioteca universitária brasileira, salvo falha dos motores de busca dos seus respectivos sistemas integrados, o que deve ser sintoma de uma ausência absoluta de toda e qualquer sala de aula. Dessa forma, para além da sua produção narrativa (que também mereceria a nossa atenção, assim como, só para fazer um exemplo que me parece aparentado, a literatura dialogicamente intercultural de um João Guimarães Rosa), para conhecer a contribuição desse autor para a antropologia latino-americana, não temos muito mais do que uma coletânea publicada no México (Arguedas, 1977). Da mesma forma, e recuando de algumas décadas, mas permanecendo em território peruano, é inegável o alcance das reflexões de Mariátegui que, nos celebrados *7 Ensayos de Interpretación de la Realidad Peruana* (2007), publicados originalmente em 1928, transita por todas as ciências sociais (incluindo a economia política) e pela própria literatura, para *ensaiar*, justamente, uma *interpretação* de uma sociedade multidiversa como a peruana. Tratar-se-ia, em ambos os casos, de desafiar a antropologia brasileira contemporânea a se confrontar com debates intelectuais (e políticos, sobretudo no caso de Mariátegui) aos quais não se participa unicamente afirmando, com petições de princípio, a necessidade de dar “giros” descoloniais. As matrizes racistas que esses textos combateram e combatem (no Peru, por exemplo, mas evidentemente não só) são as mesmas que, mais tarde, as antropologias latino-americanas foram impelidas a compreender e desmascarar. Além disso, o debate intelectual peruano, mais especificamente, apresentava um sentido indigenista que, mesmo tendo prescindido da antropologia institucionalizada – lá e então –, não deveria dispensá-la aqui e agora.

¹⁵ As intuições e as reflexões de Mário de Andrade sobre esses temas têm recebido bastante atenção, em tempos recentes, mas quase sempre fora da Antropologia brasileira. Cf., por exemplo, Santos (2018), Valentini (2010), Nogueira (2005)

O terceiro exemplo chega do Uruguai, e coloca o dilema de um autor como Ángel Rama (1974 e 2008) que, apesar de ter sido, de fato, “exclusivamente” um frequentador do campo dos estudos literários¹⁶, entrou nele (e no seu cânone), através da utilização, muito original e arguta de um conceito, o de *aculturación*, que havia tomado emprestado de um ensaísta cubano, Fernando Ortiz (hoje erguido, em pátria, como o pai da “antropologia cubana”, mas que havia iniciado a sua trajetória no campo do Direito e da criminologia). Numa operação transfronteiriça que ainda deveria suscitar algum estudo da nossa parte, Rama (que por sinal foi companheiro, em vários percursos, de Antonio Candido¹⁷) constrói o que me parece o mais eficaz instrumento de compreensão antropológica das literaturas latino-americanas, o que não deveria ser útil apenas para os estudantes dos cursos de Letras. Nesse sentido, é bastante significativa a ponte que ele constrói entre a obra de Ortiz (cujo “ensaio” seminal – *Contrapunteo cubano del tabaco y el azúcar* – merecerá algumas palavras logo mais adiante), à época (1940) chancelada por Malinowski, mas só muito recentemente admitida no cânone antropológico latino-americano, e a de Antonio Candido, que não só contribuiu para a nossa disciplina com essa obra-prima de “antropologia rural” que foi a sua tese de doutorado, mas, antes (com os seus micro-estudos etnográficos sobre o mundo caipira¹⁸), e depois (sobretudo com a série de estudos dialéticos inaugurados por “Dialética da Malandragem”), buscou dar um sentido crítico e interpretativo a um leque amplo e variado da experiência social brasileira. Cabe neste parágrafo, portanto, uma rápida menção aos motivos que fazem incluir Fernando Ortiz nesse rol. Como sabemos, tem sido frequente a aproximação entre a sua obra e alguns textos de Gilberto Freyre. Ambos pioneiros nos estudos sobre as matrizes africanas cubana e brasileira (cf. Ortiz, 1916 e 2002), se diferenciam, porém, entre outros motivos, pela constância com que o autor caribenho veio se dedicando a esse grande tema, destacando-se, inclusive, pelos estudos de cunho etnomusicológico. Além disso, como observa Simões (2017, p. 10) em estudo recente, trata-se de “projetos intelectuais [...] [que] congregam afinidades de sentido, mas apresentam divergências significativas no que tange às finalidades e aos efeitos sociais”, o que, por si só, então, tornaria

¹⁶ Mas cf. o seu artigo “La literatura en su marco antropológico” (1984).

¹⁷ É recentíssima a publicação da correspondência entre os dois (Rocca, 2018) e de uma análise das relações teóricas e metodológicas de Rama e Candido (Rodrigues, 2018).

¹⁸ Sobre os quais cf. Jackson (2008), que aborda, mais amplamente, a temática “caipira” na ciência social brasileira, o que significou, sobretudo, a sociologia uspiana dos anos Trinta a Cinquenta. Ainda há poucos trabalhos sobre as relações entre esses “estudos de comunidade” e a antropologia brasileira. Cf, porém, Mussolini (2009) e Ciacchi (2009).

oportuna a sua apresentação em contextos de ensino de história de Antropologia no Brasil. Em particular, o *Contrapunteo* é, como sabem os poucos que o leram por completo, um texto de originalíssima estrutura ensaística, em que o tema da mestiçagem engendra uma forma literária tão ou mais mestiça, o que também me instiga a considerá-la precursora de mais recentes e ousadas derivas da antropologia (pós-)moderna.

Ensaaios, na melhor acepção do termo (e, como veremos, também numa acepção que lhe determinou certa hostilidade acadêmica, mais à frente), são também os que determinam a contribuição original de Sergio Buarque de Holanda. “Historiador” à revelia dele mesmo, pelo menos nos anos que nos interessam, esse intelectual de quem às vezes aproveitamos (quicá por sugestão de Roberto daMatta, 1997) quase só “O homem cordial” e mais alguns trechos de *Raízes do Brasil*, tem, na realidade, muito mais a oferecer aos interessados na história da Antropologia. Tendo tempo (e paciência), só enxergo vantagens na leitura de *Monções* (1945) e de *Caminhos e Fronteiras* (1957) para a melhor compreensão do fenômeno bandeirante (propedêutico a qualquer percurso de etnohistória indígena), e de *Visão do Paraíso* (1959) para o entendimento de aspectos decisivos dos processos coloniais. Leituras que precisam acompanhar o reconhecimento dos passos da trajetória de um autor que circulou em espaços “cheios de antropologia”, como o Museu Paulista e a Escola de Sociologia e Política de São Paulo (cf. Françoze, 2004 e 2005).

Finalizando, e subindo até a Mesoamérica e o México, os casos de Miguel Ángel Asturias e Octavio Paz também me instigam a insistir sobre a necessidade de abrir mais espaço para a literatura (quase propriamente dita) na Antropologia, e vice-versa. Se para o escritor guatemalteco, o trânsito da mitologia para a narrativa romanesca mostrou o rendimento estético de um interesse inicial nas tradições “indígenas” (que, lá, então, puderam incluir o peso de todo o universo da cultura *maya*), para Octavio, o périplo estético-epistemológico incluiu a poesia, a filosofia e o ensaio, para apresentar os efeitos dos dilemas identitários sobre o próprio sentido do trabalho intelectual numa sociedade como a mexicana. Ambos precursores de um certo *boom* latino-americano, publicando talvez as suas duas obras mais emblemáticas no curto arco de dois anos (*Hombres de maíz*, 1949; *El labirinto de la soledad*, 1950), ainda permitiram, antes e mais do que quase todos os antropólogos latino-americanos, como vimos, a divulgação internacional de temas culturais da região. Se, como é compreensível, não é isso o que conta, pois o nosso compromisso é aqui e agora, é bem mais sugestivo verificar o efeito da leitura dessas obras nos estudantes de antropologia aos quais tenho colocado as questões que aqui venho abordando. Não

é só o acesso a horizontes textuais e estéticos mais arejados que é válido e significativo, mas, bem no cerne dos desafios da *antropologia*, aquilo que esses autores são capazes de determinar na compreensão do chão em que se destrinchou o pensamento antropológico na América Latina.

Como sabemos, para algumas obras de uma trinca formada por Sergio Buarque, Gilberto Freyre e Caio Prado Jr. cunhou-se a expressão “interpretações do Brasil” (cf. Ricupero, 2011). Mais recentemente, Fernando Henrique Cardoso (2013) introduziu a categoria da “invenção” (também “do Brasil”). Creio que interpretada ou inventada, a América Latina não deve só a antropólogos (e muito menos a antropólogos contemporâneo), nem só a empreendimentos etnográficos, as possibilidades da sua compreensão. Assim, nem a “origem disciplinar” ou a filiação epistemológica (quando e se existem); nem a data e o lugar de nascimento; nem o gênero textual frequentado ou utilizado são, nesta perspectiva, os critérios que permitem o ingresso de autores e obras nas bibliografias dos cursos de história da Antropologia. Se, por exemplo, como desejo, pratico e proponho, aumentássemos exponencialmente o número de *ensaios*, em detrimento de monografias, teses, artigos, *papers* ou outros textos científicos contemporâneos, creio que as vantagens seriam concretas. Tratar-se-ia, de certa forma, de uma inversão de rota, a ser planejada, antes, e defendida, depois.

Ao mesmo tempo, porém, parece-me compreensível essa escassa comunicação entre a antropologia contemporânea (ou seja, entre as narrativas contemporâneas da sua história, no Brasil e no resto da América Latina) e essas propostas, mais recuadas no tempo e menos dotadas de qualificações teórico-metodológicas. Considero que não há só, nem tanto, um hiato temporal a separar esses dois blocos, mas, antes e sobretudo, uma distância epistemológica que deveria merecer mais um pouco da nossa atenção. Os nove autores que mencionei (numa escolha calculada, mas, ao mesmo tempo, que admitiria numerosos acréscimos e emendas) frequentaram, em formas e estilos diferentes, o gênero do *ensaio*. Como sabemos, e sem ter que percorrer aqui o amplo debate e as valiosas contribuições de quem, no campo da história das ideias, tem se dedicado a estudar, descrever e localizar essa forma específica da produção intelectual (inclusive nos vários e significativos casos latino-americanos – cf. Norte e Reis, 2008, para um roteiro conciso), o *ensaísmo* também veio paulatinamente a assumir uma imagem negativa, pelo menos no meio acadêmico brasileiro, à medida que foi se valorizando (para dizer o mínimo), o “cientificismo” que, invocado pelo menos desde os anos cinquenta, se afirma, embora não necessariamente com esse nome, no começo da “era da pós-graduação” brasileira, ou seja, a

partir dos anos setenta. É muito conhecido, nos nossos próprios arredores disciplinares, o caso da sociologia uspiana que, sob a batuta rigorosa de Florestan Fernandes (Arruda, 2010¹⁹), armou os meios de distanciamento das tradições anteriores que tinham no ensaio uma das formas principais de expressão e de veiculação do pensamento social. Entretanto, pelo menos no caso da antropologia, parece-me que o abandono desse gênero textual e a adoção de outras formas, mais valorizadas, de produção de conhecimento, frequentemente ancoradas a um empirismo paradoxalmente resgatado, precisariam ser repensados criticamente, não constituindo necessariamente um ganho epistemológico e, muito menos, metodológico. Enxergo, nesse movimento, algo análogo àquilo que foi questionado quando se questionou, em muitas latitudes e com vários acentos, mais ou menos polêmicos, o excesso de crença na “autoridade etnográfica”. Sem poder (mais uma vez) re-historiar todos os vários debates internacionais sobre esse tema epistemológico (nem mesmo os seus reflexos brasileiros²⁰), creio que repensar o papel desempenhado, na textualidade etno-antropológica, pela etnografia, significa indagar se essa “instância” (um gênero, um recurso, um ritual, um relato, um estilo?) é de fato incompatível com o ensaio – e vice-versa.

Neste momento, é uma indagação ainda merecedora de respostas mais aprofundadas, que não cabem na proposta deste trabalho, mas absolutamente importante e oportuna. Claro que à primeira vista parece-me mais fácil responder negativamente (ou seja, a favor da compatibilidade entre “ensaio” e “etnografia”), sobretudo se, dentro do horizonte etnográfico couber (como cada vez mais se quis que coubessem) a expressão e a experiência pessoais e a sua textualização, articulada à consciência de que a produção do conhecimento não é separada daquelas expressões e experiências. Entretanto, e mesmo de forma coerente com aquilo que aqui tentei apresentar, creio que seja necessário articular essa questão de forma historiográfica, mapeando, analisando e reinterpretando tanto o ensaio não-antropológico (oriundo, por exemplo, da história, da geografia, da filosofia, ou de alguma “área sem nome”...) quanto a etnografia nas suas formas reais, assim como se revelam nas várias dimensões dos campos intelectuais latino-americanos. Os dois polos (ensaio crítico, como os que foram aqui mencionados; e monografia baseada em etnografia) pertencem, no meu entendimento, a um mesmo paradigma, formando e situando-se em um

¹⁹ Mas as contribuições, inclusive recentes, sobre essa questão e outras relativas às várias fases de transição na ciência social brasileira são inúmeras. Ainda considero imprescindível a obra organizada por Sergio Miceli (1995).

²⁰ Mas é válido remeter a dois “clássicos”, de opostas colocações: Marcus e Clifford (1986) e Peirano (1995) e a um resumo mais recente (Gonçalves, 2016).

mesmo sistema coerente de visões da realidade que, em determinado momento histórico, é compartilhado por setores específicos da comunidade científica. Finalmente, o fato de que em ambas essas instâncias textuais se possa verificar a presença (e uma presença significativa no sentido próprio do termo) dessas expressões e experiências só me parece confirmar que a nossa disciplina, longe de ser asséptica, é profundamente condicionada pelo clima cultural da sua época e pela circulação de ideias da qual ela mesma participa. Que isso possa ser apresentado (por exemplo a uma turma de estudantes de antropologia) através de uma narrativa histórica que inclui pessoas e obras que aparentemente não pertencem à antropologia é para mim algo reconfortante e desafiador, mas, também, possivelmente, uma tarefa a ser assumida por muitos de nós.

Referências

ANDRADE, Mário de. *O Turista Aprendiz*. Estabelecimento de texto, introdução e notas de Telê Porto Ancona Lopez. São Paulo: Duas Cidades, 1976.

_____. *Danças dramáticas do Brasil*. Belo Horizonte: Itatiaia; Brasília: Instituto Nacional do Livro, 1982.

_____. *Música de Feitiçaria no Brasil*. 2ª ed., Belo Horizonte: Itatiaia, 1983.

_____. *Os cocos*. Preparação e notas de Oneyda Alvarenga. São Paulo: Duas Cidades, 1984.

_____. *As melodias do boi e outras peças*. Preparação e notas de Oneyda Alvarenga. São Paulo: Duas Cidades, 1987.

_____. “O Samba rural paulista”. In: *Aspectos da Música brasileira*. Belo Horizonte: Vila Rica, 1991, p. 112-185.

ARGUEDAS, José María. *Formación de una cultura nacional indoamericana*. 2ª ed., México: Siglo XXI, 1977.

_____. *Obra Antropológica*. 7 tomos. Lima: Horizonte/Instituto de Estudos Peruanos.

ARNOLD, Marcelo. *La Antropología Social en Chile*. Producciones y representaciones. Santiago: s. ed., 1990.

ARRUDA, Maria Arminda do Nascimento. “A sociologia de Florestan Fernandes”. *Tempo Social*, 22, 1: 9-27, 2010.

ASTURIAS, Miguel Ángel. *Hombres de maíz*. Edición crítica, Gerald Martin (Coord.). São Paulo: Allca XX, 1997.

BENGOA, José. “La trayectoria de la Antropología en Chile”. *Revista Antropologías del Sur*, n. 1, pp. 15-42, 2014.

BERDISCHEWSKY, Bernardo. “Notas Críticas en Torno a la Historia de la Antropología”. III Congreso Chileno de Antropología. Colegio de Antropólogos de Chile A. G, Temuco, 1998. Disponible em: <https://www.aacademica.org/iii.congreso.chileno.de.antropologia/23>. Acesso em 13 de fevereiro de 2019.

BERMÚDEZ, Natalia (*et alii*). “La antropología en Córdoba. Tensiones y avances en la construcción de un campo disciplinario en el interior de la Argentina”. *Boletín de Antropología*, v. 24, n. 41, pp. 453-465, 2010.

BOTERO, Clara Isabel. “José de Recasens. La construcción de una tradición científica en Colombia”. *Antípoda*, n. 11, pp. 285-338, 2010.

BOTERO, Clara Isabel; Carlos Henrique LANGEBAEK. *Arqueología y etnología en Colombia. La creación de una tradición científica*. Bogotá: Editorial de los Andes, 2009.

BRIONES, Claudia. ““Con la tradición de todas las generaciones pasadas gravitando sobre la mente de los vivos”: usos del pasado e invención de la tradición”, *Runa*, 21, 1: 99-129, 1994.

BUENO CASTELLANO, Carmen. “*La antropología en México: veinte años después*”. *Inventario Antropológico*, n. 9, pp. 397-414, 2008.

CAGGIANO, Sergio. “La visión de la “raza”. Apuntes para un estudio de la fotografía de tipos raciales en Argentina”. *Revista del Museo de Antropología*, n. 6, pp. 107-118, 2013.

CANDIDO, Antonio. *Formação da Literatura brasileira. Momentos decisivos*. São Paulo: Martins, 1959.

_____. “Dialética da Malandragem”. *Revista do Instituto de Estudos Brasileiros*, 8: 67-89, 1970.

_____. *Os parceiros do Rio Bonito*. 2ª ed. São Paulo: Duas Cidades, 1995.

CARDOSO, Fernando Henrique. *Pensadores que inventaram o Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.

CARDOSO DE OLIVEIRA, Roberto. “O que é isso que chamamos de antropologia brasileira?”. In: *Sobre o pensamento antropológico*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1998, pp. 109- 128.

_____. “Vicisitudes del ‘concepto’ em América Latina”. In: LEON-PORTILLA, Miguel (coordinador). *Motivos de la Antropología Americanista*. México: Fondo de Cultura Económica, 2001, pp. 73-84.

CARLINI, Álvaro. *Cante lá que gravam cá: Mário de Andrade e a Missão de Pesquisas Folclóricas de 1938*. Dissertação (Mestrado em História). USP, 1995.

CARRASCO, Iván; ALVARADO, Miguel. “Literatura antropológica chilena: fundamentos”. *Estudios Filológicos*, n. 46, pp. 9-23, 2010.

CASTRO LULIC, Milka. “A sessenta años de la Antropología en Chile”. *Revista Antropologías del Sur*, n. 1, pp. 43-64, 2014.

CIACCHI, Andrea. “Uma leitura crítica dos estudos de comunidade no Brasil: apresentação do texto de Gioconda Mussolini”. *Cadernos de Campo*, v. 18, n. 18, pp. 281-285, 2009.

CONSTANZO, María de las Mercedes. “Las investigaciones antropológicas y etnográficas en la Argentina”. *Acta Americana*, México, v. 1, n. 3, pp. 331-334, 1943.

CORAZZA, Gentil. “A UNILA e a integração latino-americana”, *Boletim de Economia e Política Internacional*, n. 3, pp. 79-88, 2010.

CORRÊA, Mariza. *História da antropologia no Brasil (1930-1960): testemunhos: Emílio Willems e Donald Pierson*. Campinas: Editora da Unicamp/Edições Vértices, 1987.

_____. *As ilusões da liberdade: a escola Nina Rodrigues e a antropologia no Brasil*. 2º ed. Bragança Paulista: Editora da Universidade São Francisco, 2001.

_____. *Traficantes do simbólico e outros ensaios sobre a história da antropologia*. Campinas: Editora da Unicamp, 2013.

CRESPO, Horacio El erudito coleccionista y los Orígenes del americanismo. In: ALTAMIRANO, Carlos (director). *Historia de los intelectuales em América Latina*. Vol. I. Buenos Aires: Katz, 2008, pp. 290-311.

DANNEMANN, Manuel. “Rodolfo Lenz, etnólogo y estudioso del folklore”. *Revista Chilena de Antropología*, n. 8, pp. 77-92, 1990.

DE LA PEÑA, Guillermo. “Nacionales y extranjeros en la historia de la antropología mexicana”. In RUTSCH, Mechthild (comp.). *La historia de la Antropología em México*. México: Plaza y Valdés, 1996, p. 41-82.

ECHEVERRI MUÑOZ, Marcela. “El Museo Arqueológico y Etnográfico de Colombia (1939-1948): La puesta en escena de la nacionalidad a través de la construcción del pasado indígena”. *Revista de Estudios Sociales*, n. 3, pp. 104-109, 1999.

ERIKSEN, Thomas Hylland e NIELSEN, Finn Sievert. *A History of Anthropology*. 2º ed., Londres: Pluto Press, 2013.

FABIETTI, Ugo. *Storia dell'Antropologia*. 3ª ed., Milano: Zanichelli, 2011.

FELIU CRUZ, Guillermo. *Ricardo E. Latcham (1869-1960). La bibliografía de las ciencias antropológicas*. Santiago: Editorial de la Universidad Católica (Bibliógrafos chilenos), 1969.

FRANÇOZO, Mariana. *Um outro olhar: a etnologia alemã na obra de Sérgio Buarque de Holanda*. Dissertação de Mestrado. Campinas: Unicamp, 2004.

_____. “O Museu Paulista e a história da antropologia no Brasil entre 1946 e 1956”. *Revista de Antropologia*, n. 48, pp. 585-612, 2005.

GARBULSKY, Edgardo. “La antropología argentina en su historia y perspectivas. El tratamiento de la diversidad, desde la negación/omisión a la opción emancipadora”. Ponencia presentada a las I Jornadas Experiencias de la Diversidad- Centro de Estudios sobre Diversidad Cultural-Facultad de Humanidades y Artes, Universidad Nacional de Rosario. Rosario, Argentina, 9 y 10 de mayo de 2003. Disponible em: <https://rephip.unr.edu.ar/handle/2133/12165>. Acesso em 13 de fevereiro de 2019.

GARCÍA BOTERO, Hector. “Cuestionar la alteridad: reflexiones sobre la historiografía de la antropología colombiana”. *Maguaré*, n. 22, pp. 455-481, 2008.

_____. *Una historia de nuestros otros. Indígenas, letrados y antropólogos en el estudio de la diferencia cultural en Colombia (1880-1960)*. Bogotá: Editorial de los Andes, 2010.

GARCÍA MORA, Carlos (Coord). *La Antropología en México*. 15 vols. México: INAH, 1988.

GIRALDO, Paola. “Adiós a la inocencia. Crónica de una visita al estilo nacional de hacer antropología”. *Antípoda*, v. 1, n. 1, pp. 185-199, 2005.

GONÇALVES, Alicia Ferreira. “Etnografia, etnologia & teoria antropológica”. *Política & Trabalho*, 44: 247-261, 2016.

GROSSI, Miriam (et alii). *Ensino de antropologia no Brasil: formação, práticas disciplinares e além fronteiras*. Florianópolis: Nova Letra, 2006.

GUBER, Rosana. “Liñajes ocultos en los orígenes de la antropología social de Buenos Aires”. *Avá*, n. 8, pp. 1-35, 2006.

GUBER, Rosana; VISAKOVSKY, Eduardo. “Controversias filiales: la imposibilidad genealógica de la antropología social de Buenos Aires”. *Relaciones de la Sociedad Argentina de Antropología*, n. 22-23, pp. 25-53, 1998.

HOLANDA, Sergio Buarque de. *Monções*. 2ª ed. São Paulo: Alfa Omega, 1976.

_____. *Caminhos e Fronteiras*. 2ª ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1975.

_____. *Visão do Paraíso*. Os motivos edênicos no descobrimento e na colonização do Brasil. 2ª edição (revista e ampliada). São Paulo: Editora Nacional/Editora da Universidade de São Paulo, 1969 (Brasiliana, 333).

_____. *Raízes do Brasil*. 11ª edição. Rio de Janeiro: José Olympio, 1979.

JACKSON, Luiz Carlos. “O Brasil dos Caipiras”. *Literatura e sociedade*, v. 14, n. 12: 74-87, 2009.

JIMENO, Myriam. “Naciocentrismo: tensiones y configuración de estilos en la antropología sociocultural colombiana”. *Revista Colombiana de Antropología*, n. 43, pp. 9-32, 2007.

JIMENO SANTOYO, Myriam. “La antropología en Colombia”. *Revista Colombiana de Antropología*, n. 28, pp. 53-65, 1991.

KUCKLICK, Henrika. *A New History of Anthropology*. Oxford-Malden: Blackwell, 2008.

LANGEBAEK, Carl Henrik. “De los Alpes a las selvas y montañas de Colombia: el legado de Gerardo Reichel-Dolmatoff”. *Antípoda*, v. 1, n. 1, pp. 140-171, 2005.

LANGEBAEK, Carl Henrik; BOTERO, Clara Isabel (eds.). *Arqueología y etnología en Colombia: la creación de una tradición científica*. Bogotá: Universidad de los Andes, Departamento de Antropología, Centro de Estudios Socioculturales, 2009.

LISSETT PÉREZ, Andrea. “Antropologías periféricas. Una mirada a la construcción de la antropología en Colombia”. *Boletín de Antropología*, v. 24, n. 41, pp. 399-430, 2010.

LOPES NORTE, Ângela; REIS, Lívia. “O ensaio latino-americano como vetor da construção identitária e sua contribuição para as relações Brasil-América hispânica”. *Ipotesi*, 12, 1: 155-165, 2008.

MARCUS, George; CLIFFORD, James (eds.) *Writing Cultures. The Poetics and Politics of Ethnography*. Berkeley: University of California Press, 1986.

MARIÁTEGUI, José Carlos. *7 Ensayos de interpretación de la realidad peruana*. 3ª ed. Caracas: Biblioteca Ayacucho, 2007.

MARQUEZ, Francisca; SKEWES, Juan. “Chile, Anthropology in”. *The International Encyclopedia of Anthropology*, 2018. Disponível em: <https://onlinelibrary.wiley.com/doi/pdf/10.1002/9781118924396.wbiea1744>. Acesso em 13 de fevereiro de 2019.

MICELI, Sergio (org.). *História das Ciências Sociais no Brasil*. São Paulo: Sumaré, 1995.

MUSSOLINI, Gioconda. “Persistência e mudança em sociedades de ‘folk’ no Brasil”. *Cadernos de Campo*, v. 18, n. 18, pp. 287-300, 2009.

MYERS, Jorge. “Introducción al volumen I. Los intelectuales latinoamericanos desde la colônia hasta el inicio del siglo XX”. In: ALTAMIRANO, Carlos (director). *Historia de los intelectuales em América Latina*. Vol. I. Buenos Aires: Katz, 2008, p. 29-50.

NAME, María Julia. “La historia de la antropología como campo de estudios. Contribuciones desde de una investigación sobre la historia de la antropología médica en la Argentina”. VIII Reunión de Antropología del MERCOSUR. Buenos Aires, 29 de septiembre al 2 de octubre de 2009.

Disponível em: <https://drive.google.com/drive/folders/0Bw1GixlTtCg4WnRxWj13MEVJcXc>. Acesso em 13 de fevereiro de 2019.

_____. “La historia que construimos. reflexiones a propósito de una investigación sobre la historia de la antropología en Argentina”. *Runa*, v. 33, n. 1, pp. 53-69, 2012.

NOGUEIRA, Antonio Gilberto. *Por um inventário dos sentidos: Mário de Andrade e a concepção de patrimônio e inventário*. São Paulo: Hucitec, 2005.

NORTE, Ângela Lopes; REIS, Livia. “O ensaio latino-americano como vetor da construção identitária e sua contribuição para as relações Brasil-América hispânica”. *Ipotesi*, v. 12, n. 1, pp. 155-165, 2008.

OLIVEIRA, Amurabi. “Um Balanço da Discussão sobre Ensino na Associação Brasileira de Antropologia”, *Cadernos da Associação Brasileira de Ensino de Ciências Sociais*, v. 1, n. 1, pp. 80-91, 2017.

OLIVEIRA, João Pacheco de. “Curt Nimuendaju e a história Ticuna: elementos para uma reflexão crítica sobre a etnografia e o estatuto da etnologia”. *Tellus* (UCDB), n. 24, pp. 227-259, 2013.

ORTIZ, Fernando. *La hampa afrocubana. Los negros esclavos*. Estudio sociológico y de Derecho público. Habana: Revista Bimestre Cubana, 1916.

_____. *Contrapunteo cubano del tabaco y el azúcar*. La Habana: Editorial de Ciencias sociales, 1983.

_____. “Los factores humanos de la cubanidad”. *Perfiles de la cultura cubana*, s. ed.: 1-15, 2002. Disponível em: http://www.perfiles.cult.cu/articulos/factores_cubanidad.pdf. Acesso em 13 de fevereiro de 2019.

PARAMO BONILLA, Carlos Guillermo. “Decadencia y redención: racismo, fascismo y los orígenes de la antropología colombiana”. *Antípoda*, n. 11, pp. 67-99, 2010.

PASSADOR, Luiz Henrique. *Herbert Baldus e a Antropologia no Brasil*. Dissertação de Mestrado. Campinas: UNICAMP, 2002.

PAVEZ OJEDA, Jorge. *Laboratorios etnográficos. Los archivos de la antropología en Chile (1880-1980)*. Santiago de Chile: Ediciones Universidad Alberto Hurtado, 2015.

PAZ, Octavio. *El Laberinto de la Soledad*. México: Fondo de Cultura Económica, 1992.

PEIRANO, Mariza. *A favor da etnografia*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1995.

PINEDA GIRALDO, Roberto. "Inicios de la Antropología en Colombia". *Revista de Estudios Sociales*, n. 3, pp. 29-42, 1999.

PEIXOTO, Fernanda. "Franceses e norte-americanos nas ciências sociais brasileiras (1930-1960). In: MICELI, Sergio (Org.). *História das ciências sociais no Brasil*. São Paulo: Vértice, 1989, v. 1, 2001, pp. 477-532.

PONTES, Heloísa. *Destinos Mistos. Os críticos do Grupo Clima em São Paulo (1940-1968)*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

_____. "Entrevista com Antonio Candido". *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, 16, 47: 5-30, 2001.

RAMA, Ángel. "Los procesos de transculturación en la narrativa latinoamericana". *Revista de Literatura hispanoamericana*, n. 5, pp. 9-38, 1974.

_____. "La literatura en su marco antropológico". *Cuadernos hispanoamericanos*, n. 407, pp. 95-101, 1984.

_____. *Transculturación narrativa en América Latina*. Buenos Aires: Ediciones El Andariego, 2008.

RESTREPO, Eduardo. "Desdisciplinar a antropologia. Diálogo com Eduardo Restrepo". *Horizontes Antropológicos*, v. 20, n. 41, pp. 359-379, 2014.

RESTREPO, Eduardo *et alii* (eds.). *Antropología hecha en Colombia*. Tomo 1. Popayán: Universidad del Cauca. Sello Editorial, 2017.

RICOBOM, Gisele. “A Integração Latino-Americana e o Diálogo Intercultural: Novas Perspectivas a Partir da Universidade”, *Cadernos da Escola de Direito e Relações Internacionais*, Curitiba, n. 12, pp. 356-367, 2010.

RICUPERO, Rubens. *Sete lições sobre as interpretações do Brasil*. Belo Horizonte: Alameda, 2011.

ROCCA, Pablo. *Conversa Cortada – A Correspondência entre Antonio Candido e Ángel Rama*. São Paulo: Edusp/Ouro sobre Azul, 2018.

RODRIGUES, Joana. *Antonio Candido e Ángel Rama: Críticos Literários na Imprensa*. São Paulo: Ed. da UNIFESP, 2018.

RUBINO, Silvana. “Clubes de Pesquisadores. A Sociedade de Etnologia e Folclore e a Sociedade de Sociologia”. In: MICELI, Sergio (Org.). *História das Ciências Sociais no Brasil*. São Paulo: Sumaré: FAPESP, v. 2, 1995, pp. 479-521.

RUIZ MARTÍNEZ, Apen. “La construcción del conocimiento en ruta. Expediciones antropológicas y arqueológicas en México a fines del siglo XIX”. *Antípoda*, n. 11, pp. 215-237, 2010.

RUTSCH, Mechthild. *Entre el campo y el gabinete: nacionales y extranjeros en la profesionalización de la antropología mexicana (1877-1920)*. México: Instituto Nacional de Antropología e Historia: UNAM, Instituto de Investigaciones Antropológicas, 2007.

SAHLINS, Marshal. *Ilhas de história*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001.

SANDRONI, Carlos. “Notas sobre Mário de Andrade e a Missão de Pesquisas Folclóricas de 1938”, *Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional*, n. 28, pp. 60-73, 1999.

_____. “O acervo da Missão de Pesquisas Folclóricas, 1938-2012”. *Debates Unirio*, n.12, pp. 55-62, 2014.

SANTOS, Cecília Rodrigues dos. “O patrimônio de Mário de Andrade: tirando o pedregulho da botina para não manquejar”. *Revista CPC*, 25: 11-47, 2018.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. *O Espetáculo das Raças*. Cientistas, instituições e questão racial no Brasil. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

SIMÕES, João Francisco de Oliveira. *Os projetos intelectuais de Fernando Ortiz e Gilberto Freyre*. Tese de Doutorado. Campinas: UNICAMP, 2017.

SKEWES VODANOVIC, Juan Carlos. “La enseñanza de la antropología”. *Anales del Instituto de Chile*. Estudios, v. 24, n. 2, pp. 357-400, 2004.

STAGNARO, Adriana Alejandrina. “La antropología en la comunidad científica: entre el origen del hombre y la caza de cráneos-trofeo (1870-1910)”. *Alteridades*, v. 3, n. 6, pp. 53-65, 1993.

VALENTINI, Luísa. *Um laboratório de antropologia: o encontro de Mário de Andrade, Dina Dreyfus e Claude Lévi-Strauss (1935-1938)*. São Paulo: Alameda, 2010.

VISACOVSKY, Sergio e Rosana Guber (compiladores). *História y estilos de trabajo de campo em Argentina*. Buenos Aires: Antropofagia, 2002.

VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. *Metafísicas canibais*. Elementos para uma antropologia pós-estrutural. São Paulo: Cosacnaify, 2010.

WEBBER, Florence. *Brève Histoire de l'anthropologie*. Paris: Flammarion, 2015.

Ensinar (História da) Antropologia no Brasil: um ensaio bibliográfico latino-americano

Resumo

Através de uma releitura de alguns momentos da história intelectual latino-americana, incluindo neles períodos e trajetórias frequentemente negligenciadas, neste trabalho se pretende, ao mesmo tempo repensar as abordagens brasileiras e globais à história da antropologia e propor uma nova estratégia para o ensino de antropologia na universidade brasileira. O pressuposto principal do ensaio é a convicção de que não é nem foi apenas a antropologia a disciplina que tem oferecido interpretações antropológicas dos vários aspectos da realidade social e cultural da América Latina. Assim, também se alcançaria, simetricamente, uma releitura “antropológica” da produção intelectual latino-americana dos últimos 150 anos.

Palavras-chave: Ensino de Antropologia. História da Antropologia. Ensaio latino-americano

Teaching (History of) Anthropology in Brazil: a Latin American bibliographical essay

Abstract

Through a re-reading of some moments of Latin American intellectual history, including in them frequently neglected periods and trajectories, this paper aims at both rethinking Brazilian and global approaches to the history of anthropology and proposing a new strategy for the teaching of anthropology at the Brazilian university. The main assumption of the essay is the conviction that it is not only anthropology that has been offering anthropological interpretations of the various aspects of the social and cultural reality of Latin America. Thus, an "anthropological" re-reading of the Latin American intellectual production of the last 150 years is also achieved symmetrically.

Key-words: Anthropology Teaching. History of Anthropology. Latin-american essay.

Enseñar (Historia de la) Antropología en Brasil: un ensayo bibliográfico latinoamericano

Resumen

A través de una relectura de algunos momentos de la historia intelectual latinoamericana, incluyendo en ellos períodos y trayectorias frecuentemente descuidadas, en este trabajo se pretende, al mismo tiempo repensar los enfoques brasileños y globales a la historia de la antropología y proponer una nueva estrategia para la enseñanza de antropología en la universidad brasileña. La suposición principal del ensayo es la convicción de que no es ni fue sólo la antropología la disciplina que ha ofrecido interpretaciones antropológicas de los diversos aspectos de la realidad social y cultural de América Latina. Así, también se alcanza, simétricamente, una relectura "antropológica" de la producción intelectual latinoamericana de los últimos 150 años.

Palabras clave: Enseñanza de la Antropología. Historia de la Antropología. Ensayo latinoamericano.